

Internet e as transformações no mercado de trabalho: como preparar os jovens para o futuro?

- Formato: Mesa Redonda
- Proponentes e co proponentes:
 - Proponente:

Nome: Élisson Diones

Gênero: Masculino

Cidade: Salvador

Estado: Bahia

E-mail: elissondiones@gmail.com

Organização: Youth Observatory

Setor: Comunidade Científica
 - Co Proponente:

Nome: Bruna Martins dos Santos

Gênero: Feminino

Cidade: Brasília

Estado: Distrito Federal

E-mail: bruna.mrtns@gmail.com

Organização: Coding Rights

Setor: Terceiro Setor
- Palestrantes ou debatedores(as):
 - Debatedor:

Nome: Andriei Guerrero Gutierrez

Gênero: Masculino

Cidade: São Paulo

Estado: São Paulo

E-mail: andriei@br.ibm.com

Organização: IBM

Setor: Empresarial

○ Debatedora:

Nome: Geisa Santos

Gênero: Feminino

Cidade: Salvador

Estado: Bahia

E-mail: geu.santos@gmail.com

Organização: Coletivo Periféricas

Setor: Comunidade Científica

○ Debatedora:

Nome: Luana Lund

Gênero: Feminino

Cidade: Brasília

Estado: Distrito Federal

E-mail: luanalund@gmail.com

Organização: Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

Setor: Governamental

○ Debatedor:

Nome: Thiago Tavares

Gênero: Masculino

Cidade: Salvador

Estado: Bahia

E-mail: thiagotavares@safernet.org.br

Organização: Safer Net

Setor: Terceiro Setor

● Moderador:

Nome: André Lucas Fernandes

Gênero: Masculino

Cidade: Recife

Estado: Pernambuco

E-mail: andreucas.fernandes@gmail.com

Organização: Youth Observatory

Setor: Governamental

- Relatora:

Nome: Pollyanna Rigon Valente

Gênero: Feminino

Cidade: Erechim

Estado: Rio Grande do Sul

E-mail: pollyannarigon@gmail.com

Organização: CRERAL Telecom

Setor: Empresarial

2. Estruturação do workshop

Objetivos propostos:

Este workshop pretende reunir jovens profissionais de diferentes regiões do país, setores e áreas de formação, assim como empresas e organizações, para discutir os impactos da Internet e da tecnologia no futuro do trabalho.

A sessão irá tratar de duas questões centrais: o impacto da Internet na entrada de jovens no mercado de trabalho e a demanda crescente de habilidades específicas neste contexto.

Entender os cenários possíveis para os próximos anos pode auxiliar não apenas a juventude, mas também os gestores, de forma a preparar a economia brasileira para os desafios da Agenda de Desenvolvimento Sustentável.

1- Empregabilidade jovem ao mesmo tempo em que é difícil prever o exato impacto das novas tecnologias nos empregos, o cenário atual indica que há razões tanto para ser otimista quanto para se preocupar. Esta parte do workshop buscará entender as questões mais desafiadoras para a entrada de jovens no mercado de trabalho da economia digital.

Questões-chave: Como a Internet está mudando a natureza do que é o trabalho e como os jovens podem se beneficiar dessas mudanças? Como empresas e organizações estão adotando essas novas formas de trabalho? Como tanto os jovens quanto empresas

e organizações veem este cenário em 5-10 anos? Quais são as principais preocupações e como podemos enfrentar estes desafios?

2 - Desenvolvimento de capacidades e práticas Discussões sobre educação e habilidades andam lado a lado com debates sobre empregabilidade e o futuro do trabalho. Nesta parte da sessão, palestrantes e participantes vão tratar das seguintes questões:

Como podemos equipar os jovens com as habilidades certas para o futuro? Que habilidades empresas e organizações precisam no contexto da digitalização e quais são os desafios enfrentados para encontrar trabalhadores capacitados? Quais desafios os jovens enfrentam para atingir essas habilidades e que lacunas eles precisam resolver para encontrar emprego? Como a Internet pode contribuir para solucionar esses desafios?

Objetivos atingidos:

Levando em consideração todo o debate, é visto que o assunto tem muito o que ser discutido e praticado. É de consenso geral que a questão educacional é imprescindível em vários níveis, desde alterações em grades curriculares defasadas a incentivo a jovens e crianças estarem por dentro de novas tecnologias e preparados para o futuro que os espera.

Não se chegou em um consenso se devemos ser otimistas ou não quanto a este futuro, levando em consideração vários vieses como os educacionais, novamente citados, como também questões legais e burocráticas que vão de conceitos a legislação trabalhista.

Falou-se muito sobre a questão da necessidade da ampliação de infraestrutura das redes, que são de suma importância para conectarmos os jovens que ainda não se encaixam na realidade da qual está sendo discutida pois ainda não tem acesso a tecnologia, internet ou digitalização.

É necessário um apoio governamental, criação de Políticas Públicas e a prática da Estratégia digital, para que em conjunto com outras ações possamos realmente poder acreditar em uma visão otimista sobre o assunto.

Justificativa em relação a governança da Internet

De acordo com o Global Internet Report de 2017, realizado pela Internet Society, a evolução da Internet e das tecnologias gera ansiedade e medo acerca de seus impactos no futuro. Com relação ao mundo do trabalho, variam bastante as previsões sobre a quantidade de profissões extintas ou profundamente alteradas, embora seja certo que, em maior ou menor grau, todas deverão ser impactadas. Ao mesmo tempo, estudos mostram que a atividade econômica na Internet tem balanço positivo nas taxas de empregabilidade. O tema foi incorporado à Agenda para o Desenvolvimento Sustentável da ONU, de modo que a busca por condições dignas de trabalho e desenvolvimento econômico e educação de qualidade foram colocadas enquanto metas a serem alcançadas até 2030.

Aproximar essa discussão dos jovens ganha força ao entendermos que, historicamente, essa é a parcela da população mais afetada pelo desemprego no Brasil. Dados dos últimos três meses de 2017 divulgados pelo IBGE mostram que, na população entre 18 e 24 anos, 1 a cada 4 jovens (25,3%) está desempregado, taxa só menor que a

dos jovens entre 14 e 17 anos (39%). A taxa média de desemprego no país era de 11,8% no período.

Como essas transformações no mercado de trabalho afetam os jovens, e principalmente como agir para que eles possam enfrentar e atuar junto a esses desafios é o objetivo principal deste workshop. Serão trazidos para discussão diferentes grupos de interesse, que discutirão o futuro das relações de trabalho e avaliações sobre que políticas são necessárias para assegurar que a população jovem se beneficie dessas mudanças.

Entendemos que este é um debate de interesse para a Governança da Internet uma vez que se liga diretamente ao próprio desenvolvimento da rede: para tornar a Internet uma ferramenta de oportunidades, é necessário olhar para seu desenvolvimento técnico, social, político e cultural de forma a levar em consideração os impactos que eles têm nas relações sociais, inclusive as que envolvem a ideia de trabalho.

Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante o workshop

O painel em formato de mesa redonda aconteceu em dois momentos:

1º - 10 minutos cada debatedor efetuar sua apresentação geral.

2º - Lançamento de perguntas chaves para abrir debate entre os debatedores e público;

3. Síntese dos debates

1º Momento:

André Fernandes:

O workshop é iniciado com a apresentação de como o Youth Observatory surgiu, falando sobre o IGF 2015, onde houve um programa de jovens chamados Embaixadores da Internet ou algo similar, quando, pela primeira vez os jovens brasileiros e da América Latina, passaram a ter voz dentro de um ambiente de Governança da Internet, trazendo alguns aspectos e assuntos que até então não eram discutidos. Dentro disso, é onde também entramos no assunto do workshop, onde falamos de jovens, que são atores fundamentais e constroem sua própria identidade a partir de um uso da internet.

O ponto chave é: como este jovem que se cria neste ambiente da internet lida com as mudanças do ambiente de trabalho que passa a se tornar um ambiente tão complexo, com fenômenos não só relativos a Internet mas também relativos a automação e todas as tecnologias em geral?

Explica a dinâmica, que serão 2 blocos. No primeiro bloco serão 10 minutos para cada um dos debatedores fazerem suas apresentações e em seguida, um segundo bloco com a abertura para perguntas, com algumas perguntas chaves e norteadoras, feitas pelo próprio André, tanto para os debatedores quanto para a plateia.

Passando assim a palavra para o Andriei, da IBM

Andriei

Agradece o convite para participar desta conversa, principalmente por este ser um assunto de extrema importância e, inclusive, um dos assuntos dos quais tem sido prioritário para ele mesmo, junto com a importância de uma estratégia brasileira para Inteligência Artificial e a importância de no próximo governo termos um avanço na estratégia sobre transformação digital.

Comenta que o seu trabalho em específico, trabalha muito em conjunto com o governo, em torno de políticas públicas para que haja uma facilitação e transição para estes temas importantíssimos, e é por isso que irá expor alguns trechos e ideias do plano nacional.

Quando se vê que hoje que existe uma revolução digital, da qual o mesmo discorda do conceito de Indústria 4.0 para tratar das transformações sociais pois o conceito de indústria 4.0 para dentro do ambiente industrial pode ser válido, porém quando ele vai para o ambiente da sociedade ele não abarca. A melhor comparação é chamar sim de uma Revolução Digital, do mesmo nível que foi a Revolução Industrial, com impactos sociais muito profundos, com a diferença que a Revolução Industrial levou mais ou menos 150 anos para acontecer e a Revolução Digital acontece de forma muito rápida, em algumas décadas, numa velocidade incrível e em todos os lugares ao mesmo tempo. Isso facilita muito, pois mesmo do Brasil é possível que se possa contribuir e participar juntamente com governos, não só do Brasil, em Políticas Públicas que auxiliem nesta transformação.

Partindo disto, existem algumas perguntas macros, como:

Será o fim do trabalho?

Será que a gente vai ter uma massa de trabalhadores desocupados, que não conseguem encontrar empregos?

Será que o futuro é o empreendedorismo pois não haverá mais emprego?

Comenta que procura se afastar deste tipo de interpretação, fazendo um parêntese com o que houve também na Revolução Industrial, onde muita gente temia que a Revolução Industrial ia subverter completamente os pilares daquela sociedade e acabariam os empregos.

É necessário que encaremos isso, levando em consideração a lição histórica e é justamente por isso a necessidade de se ter o nome correto, pois tanto quanto a Revolução Industrial, a Revolução Digital também traz mudanças muito profundas e rápidas, que já estão acontecendo e é necessário trabalhar em conjunto e não negar os desafios.

Então, quais seriam os desafios?

Do lado das empresas, a falta do que eles chamam de talentos ou de mão de obra qualificada. Em conversa com colegas da IBM, escuta de seus colegas abismados pelo fato de o Brasil hoje estar com 13 milhões de desempregados e mesmo assim manter uma lista enorme de vagas que não conseguem preencher. O que podemos fazer para resolver isso? Este é um grande problema que inclusive afeta a competitividade do país.

Outro desafio é o desemprego em massa, se não forem pensadas em maneiras de transição, teremos sim uma grande quantidade de pessoas que não conseguirão se encaixar no mercado de trabalho.

Um terceiro desafio, inerente aos demais, é a desigualdade. A medida que as pessoas não encontram emprego, se inicia um aumento de desigualdade, o que gera uma série de efeitos sociais, fazendo com que a harmonia social também sofra com isso.

Não é isso que a gente quer e a indicação principal é que precisa ter uma ação conjunta, até por que a velocidade deste processo é muito violenta, fazendo com que a gente tenha que ser muito proativo, no sentido da necessidade de trabalhar conjuntamente: setor privado, governo, instituições da sociedade civil, todos buscando uma solução coletiva.

Nas empresas, tem se visto alguns estudos a demanda do trabalho sobre tudo em requalificação e de dar condições de que os seus funcionários sejam requalificados. Hoje o padrão é quando surge a necessidade de ampliação, a empresa buscar funcionário no mercado de trabalho, buscando novas contratações, porém, números do Fórum Econômico Mundial, indicam que 40% das empresas quando vão trabalhar em qualificação de empregados, estão pensando em focar nos funcionários com maior desempenho e apenas 30% pensa em focar naqueles que estão em situação crítica. Este mesmo estudo, mostra que existe um círculo virtuoso que se você estimular todos os trabalhadores na formação deles, você acaba com este conceito.

Além disso, é necessário que as empresas se aproximem do sistema escolar, aproximar do ensino, para que também possam ter portas de entrada e para que a gente também possa junto com as instituições de ensino, modificar a maneira como o ensino é feito hoje, com os currículos que não são atraentes, coisas que são do século passado ainda, não havendo uma inserção profissional direta, já com atividades produtivas, o que faz bastante diferença.

Já os indivíduos, precisam cada vez mais uma atitude pró ativa e entender que treinamento e qualificação, são coisas para a vida. É um aprendizado contínuo.

Se tratando de governo, este deve buscar o máximo possível o ambiente favorável para esta transformação.

Afirma que é um caminho sem volta, não há como ficar parado. A Revolução Digital está aí, a sociedade como um todo está digitalizando. Não há como negar que a gente precisa avançar e buscar solução o quanto antes, para que seja possível trabalhar este cenário e evitar os desafios citados inicialmente.

Cita algumas iniciativas da IBM, falando sobre a necessidade de pensar na requalificação de todos os funcionários, alterando a maneira como se pensava e avaliava a análise de performance do funcionário, incluindo treinamento contínuo. A IBM tem também uma obrigatoriedade de ter um compromisso de ter um estudo anual de horas, criando uma espécie de netflix, onde você treina, escolhe e faz sua grade, as competências que você quer fazer. Do lado externo, tem se trabalhado para fazer parceria com escolas e instituições de ensino, para se aproximar e avançar nestas parcerias que são mais que necessárias. Comenta também sobre logo a IBM estar fazendo algum anúncio importante neste assunto e que depois, pode falar mais sobre este conceito chamado PITEC, aproximação de escolas e instituições com as empresas, ajudando nas mudanças de currículos e proporcionando que os jovens já tenham dentro das instituições

um primeiro contato com o ambiente empresarial e mercado de trabalho, sendo que, nos Estados Unidos, a IBM já tem parceria com mais de 100 escolas.

Agradece o tempo de fala e novamente fica a disposição para perguntas e falar mais para avançar juntos neste tema.

Geisa

Fala que quando pensa em futuro de trabalho, sendo alguém que trabalha remotamente, programando e sendo mulher, já se veem muitas mudanças do “normal”. É a primeira não apenas mulher a se formar no ensino superior, mas também a primeira pessoa da família a ir para a faculdade.

Conta sobre sua história, desde quando seus pais saíram da área rural e foram para a cidade para começar a trabalhar em diversos trabalhos informais, o pensamento deles era que nem ela nem sua irmã vivessem o que eles viveram. Sem acesso a educação, sua mãe foi iniciar uma faculdade e se formar aos 50 anos, diferente do seu pai que ainda não teve esta oportunidade.

Pensando em toda essa narrativa de viver em periferias em Salvador, estudando em colégio particular, privilégio devido ao sacrifício dos pais para poder estudar em uma escola privada, e ter acesso a computadores fez com que tivesse acesso a tecnologia e internet por toda sua vida.

Hoje formada em publicidade, conta que quando na escola sabia que queria trabalhar com computadores, ficando fascinada quando conheceu jogos pensando em “eu preciso fazer isso” e iniciou a pesquisa das universidades de Salvador onde poderia fazer algo relacionado a isso, inclusive Publicidade as opções eram a particular ou mudar de cidade, tendo que cursar faculdade privada através do FIES, vaquinhas e afins, trabalhando, até por que, se fosse em uma Universidade Publica, devido aos horários loucos, não poderia trabalhar então também não teria como.

Conta que no dia em que saiu de casa de beca, a comunidade parou pois não apenas era, como ainda é uma coisa muito distante da realidade da maioria, uma graduação, mesmo após 15 anos. Dá exemplos de como a tecnologia e educação não são uma realidade.

Por conta disso, trabalha com jovens nas comunidades de Salvador, justamente para ter esta troca, querendo que todos tenham e consigam as mesmas oportunidades que ela teve. Conta que o que ela conseguiu teve a ver com a formação de seus pais, coisa que, ter pai e mãe já é um grande impacto e modifica muito a questão de ter garra e vontade. A questão de ter o apoio da família na comunidade é muito difícil.

Fala sobre a primeira vez que viajou para o exterior a dificuldade de explicar para a família que não iria se prostituir, não iria dançar, não iria cantar mas sim que iria palestrar, em outra língua, que é acessível apenas em músicas. A realidade lá, até hoje é muito difícil, até hoje, quando fala que trabalha em casa as pessoas ainda perguntam: “artesanato? Você faz comida para vender?”. Explicar que trabalha de casa, desenvolvendo códigos e falando com pessoas do mundo todo, eles a visualizam como parte de outro mundo, diferente da realidade deles.

Comenta sobre as organizações das quais faz parte, como o Coletivo Periféricas, que leva conhecimento ao máximo de pessoas possíveis, para que as pessoas tenham uma fagulha de motivação de que elas podem sonhar e pensar diferente.

A questão da educação é muito importante, tanto quanto o acesso.

Comenta sobre Salvador, onde existem bairros ricos onde há acessibilidade facilitada, diferente da periferia, onde o acesso não existe, fazendo com que os poucos que conseguem a chegar na Universidade, passem os dias aproveitando a tecnologia da instituição para poder fazer os trabalhos pedidos pelos professores, que acham que a realidade de ter acesso a tecnologia e a uma internet de qualidade é realidade de todos, porém não é assim que acontece na prática.

Reitera a necessidade da educação e do acesso, fazendo um comentário sobre o quanto foi falado sobre privacidade de dados durante o fórum porém pouco sobre o direito básico a informação.

Afirma que tem muita gente no Brasil que hoje não tem este direito, não tem este acesso a informação ou a tecnologia então, essa questão de se pensar no futuro do trabalho, no caso deles, ainda é pensar se ainda vai ter terra para arar, banheiro para lavar e demais serviços gerais.

Mostra os dispositivos que usa quando está fazendo seus trabalhos para tentar levar um pouco de informação e acesso, para que as pessoas, pelo menos, tenham como tentar o que é a tal WIFI que nunca chega e talvez nunca chegará.

Mostra também, parte de uma grande rede que tem contato e que promove diversar formas de acesso a informação, não só de tecnologia, mas também de empreendedorismo. São muitas situações, que são trabalhos de formiguinha. Algumas organizações das quais trabalham em conjunto: Pyladies Salvador – BA, OxenTI Menina, Preta Lab, Meninas Digitais, Code Girl, Trans Code, Women Tech Makers, Pretas Hackers, Tamo juntas, Blogueiras Negras, entre outras.

Ao pensar no futuro do trabalho e na realidade que tem, ainda pensa muito no exemplo dos seus primos, que ainda tem uma condição muito diferente da sua.

Luana

Inicia agradecendo o convite e parabenizando o pessoal do Youth Observatory pela proposta da mesa, cumprimentando os demais na mesa, especialmente a Geisa pelo seu depoimento e pela inspiração para todos.

Começa sua apresentação fazendo uma provocação com a seguinte pergunta: Será que estamos educando os jovens do século XXI para as profissões do Século XX?

Traz uma perspectiva do MCTIC, que tem uma Política Pública Federal voltada para Transformação Digital no Brasil. O MCTIC participou da elaboração desta política, chamada E-DIGITAL, que está dividida em dois pilares: a Transformação Digital no Governo e a Transformação Digital na Economia. As bases habilitadoras para estas transformações contam com tanto o incentivo e investimento em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação e também Educação e Capacitação. A Estratégia trás para

cada um destes eixos diagnósticos e ações estratégicas que nos levem a objetivos específicos para cada um dos eixos.

A estratégia também vê as TICs como vetor econômico e social da atualidade, enxergando também a PDI como setor essencial para o crescimento do país. Ou seja, a estratégia noticia que é necessário a criação de uma política de PDI voltada para o século XXI. Levando em consideração também a demanda por recursos humanos para dar conta de tal.

Mostra alguns números referentes a acessibilidade nas escolas: Hoje, 59% das escolas públicas de ensino básico estão conectadas. 3% das escolas tem computadores dentro de todas as salas de aula. 67% dos professores não tem cursos de formação ou apenas tem para ferramentas básicas. Apenas 24% das escolas rurais tem acesso à internet enquanto 85% do total das escolas urbanas tem.

Além destes dados, se fala também sobre a 4ª Revolução Industrial, o histórico desde 1784, quando a primeira máquina a vapor foi criada, passando para a eletricidade e à automação com a criação do transistor, o que nos leva a caminhos e sinais da vivencia da provável 4ª Revolução Industrial.

Sabemos que hoje a tecnologia já está muito avançada ao analisarmos cirurgias já feitas por robos, automação de transportes, drones e soldados robôs em guerras. Analisando um lado mais humano, a economia do compartilhamento já faz parte de nossas vidas, como por exemplo com o uso do Airbnb.

Cita Daniel Pink, que fala sobre o lado direito do cérebro, onde estaríamos agora migrando para a Era Conceitual no século XXI, encontrando um trabalhador mais empático, com inteligência emocional, mais criativo e flexível. Voltando assim a pergunta do inicio, será mesmo que estamos educando os jovens do século XXI para as profissões do século XX?

Mostra algumas ações estratégicas da política, sobre como mudar este cenário:

No eixo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação há ações que visam integrar as infraestruturas de pesquisa voltadas ao desenvolvimento das tecnologias digitais. Além disso há uma previsão de fazer uma prospecção de cenários para priorização de PDI que tenham impactos positivos no nível de renda, geração de empregos, produtividade e competitividade. Além disso, a necessidade de interação, de uma abordagem multi stakeholder com todos os envolvidos e que podem colaborar e incentivar o desenvolvimento de todos os eixos.

No eixo da educação, a própria estratégia traz a ideia de formar a sociedade pro mundo digital e preparar a sociedade para o trabalho do futuro, então na estratégia priorizar a implementação de competências no Ensino Fundamental associadas ao Pensamento Computacional, tal como definido na BNCC, além disso, aprimorar as formações continuadas dos professores da educação básica, considerando as transformações tecnológicas.

A E-Digital foi aprovada em março de 2018, pelo decreto 9319, decreto que tras além das bases, uma estrutura de governança para esta Política Pública Federal. Esta estrutura é composta centralizada em um Comitê Interministerial para Transformação Digital, este comitê é coordenado pela casa civil e conta com o Ministério de Ciência e Tecnologia como secretaria executiva e também tem representantes do Planejamento,

Fazenda, MIDIC e do MEC. Esta estrutura é responsável pelas coordenação das ações que deverão acontecer.

Thiago

Inicia agradecendo o convite, falando sobre a sua felicidade de estar participando deste debate e também de ver que a delegação baiana é a maior na mesa. Comenta sobre sua felicidade também com o depoimento da Geisa, que ilustra bem o poder que a Internet tem de gerar, e aí o lado otimista nos faz lembrar que a Internet cria possibilidades e permite que carreiras, trabalhos e sonhos sejam realizados, então, foi assim desde o principio e será assim no futuro.

Porém, frisa que isso não quer dizer o mesmo se enquadre no grupo dos otimistas em relação ao futuro do trabalho. Acha que estamos em uma fase de transição entre a utopia e a distopia. Houve um período em que havia uma utopia muito grande em relação ao impacto que a tecnologia poderia ter em grande escala no mercado de trabalho, porém o que se observa é um período distópico, onde a Economia da Digitalização está precarizando o trabalho e está diminuindo a renda e se levarmos em consideração o avanço da Inteligencia Artificial, o cenário será agravado.

Comenta sobre a possibilidade da realização da teoria de Jeremy Rifkin no livro O Fim dos Empregos, o livro foi publicado em 1996, um ano depois do início da Internet comercial no Estados Unidos. Naquela época, o autor chamava atenção para o fato das funções de média gerência terem a possibilidade de serem substituídas logo, pensando nos novos arranjos institucionais e nas mudanças no modelo de gestão. Ainda segundo o autor, já naquela época se falava muito em down size, que é um mecanismo que significava diminuir custos, diretamente diminuído nas folhas de pagamento. Fazendo uma perspectiva do livro e das ideias do autor no contexto atual, 22 anos depois, percebe-se que algumas daquelas profecias já se realizaram e, muitas atividade serão substituídas por máquinas, como exemplos de industrias que empregam muita gente, é impossível imaginar uma indústria de callcenter enorme durar mais de 5 anos? A probabilidade é que os postos hoje ocupados por pessoas, sejam ocupados por chatbots que farão o trabalho, provavelmente com muito mais eficiência. O mesmo se aplica ao nicho de mercado de logística.

A pergunta que fica é o que fazer com este contingente enorme de trabalhadores que terão que sobreviver dentro deste novo contexto?

A resposta para isso esta nas Politicas Publicas, que precisam ser desenvolvidas, pensadas e implementadas com foco no interesse público. Isso precisa ser feito hoje pois o impacto disso é em médio e longo prazo, principalmente pois o que for aprovado para ser implementado agora, só surtirá efeito no médio longo prazo, principalmente quando são políticas de educação e informação. Cita o exemplo do tempo que demora para formar um neurocientista, que leva no mínimo 15 anos, ou mesmo um engenheiro que seja praticamente o mesmo tempo para estar pronto para um mercado de ponta.

Dito isso, fala sobre as exigências que este novo mercado exige, que não se ocuparam com cursos de verão, demoram anos e custam muito caro as formações destes profissionais. Ou seja, se o governo não tiver Políticas Públicas de longo prazo, que transcendam, que façam investimento massivo de longo prazo em educação, em pesquisa, em fortalecimento da pesquisa de base, fortalecimento das universidades,

centros de pesquisa, formação de alianças e redes com universidades no exterior, conectar academia com as empresas.

Comenta que estas são algumas de suas inquietações apesar de não querer transmitir uma mensagem pessimista, mas acha que não há como fugirmos da realidade e a distopia provocará um impacto tão grande quando provocou a utopia. A utopia nos liberta e nos libera para sonhar e acreditar nos sonhos e realizar nossos sonhos, é a utopia que nos faz caminhar e que faz com que a gente acorde de manhã e diante de todas as circunstâncias adversas a gente continue acreditando que é possível, temos aqui a Geisa, que é a comprovação disso. Porém, frisa também que a utopia só não é suficiente, precisamos estar próximos da realidade e exigir do estado Políticas Públicas de médio e longo prazo que deem conta desta situação.

2ª Rodada

Andre

Inicia o segundo bloco, comentando que alguns dos tópicos que serão provocados já foram falados de alguma forma pelos debatedores, porém levanta questões sobre empregabilidade jovem, futuro otimista ou não, utopia e distopia, formas de entrada de jovens no mercado de trabalho.

As perguntas são as seguintes:

Como a Internet está mudando a natureza do que é o trabalho?

Como os jovens podem se beneficiar destas mudanças?

Como empresas e organizações estão adotando estas novas formas de trabalho?

Quais as principais preocupações e como é que os jovens podem enfrentar estes desafios?

Como podemos equipar os jovens com as habilidades certas para o futuro?

Quais os desafios que os jovens enfrentam para atingir essas habilidades e que lacunas eles precisam resolver para encontrar um emprego?

Como a internet pode ser uma ferramenta para resolver este desafio?

Com a fala de todos os debatedores, o moderador comenta que enquanto ouvia os demais colegas da mesa, lembrou de vários posicionamentos e estudos como a do Instituto Mackenzie, que fala de nos próximos 15 ou 20 anos teremos 50% de automação dos postos de trabalho, especialmente estes que são divididos em laborativos físicos e não laborativos intelectuais, mas também os intelectuais, ou seja, teremos um recorte de classe, não total. Pensando nisso, como analisar a diferença da velocidade da capacitação com a velocidade da automação? Essa diferença, se não houver um paralelismo adequado, vai impactar em qual problema?

Abre para a perguntas no microfone para publico presencial e via chat para publico online. Pede que quem for para o microfone se apresente com nome, de onde vem, organização e setor.

Moderador remoto

Informa que existem três perguntas remotas. As respostas serão alternadas, iniciando pelas perguntas que estão no local.

Perguntas do Público

Yuri – Participação local

Tem 22 anos, é do interior de Minas mas mora atualmente em Goiania, estudante de Segurança da Informação. Fala sobre a fala do Thiago sobre a falta de otimismo quanto a esta Revolução Digital, como estudante diz que também não é muito otimista e vê que um dos problemas não é bem o que o Thiago falou sobre o grande investimento e tempo, pois vê que já existe um investimento muito grande nas universidades e falta muito investimento na educação básica e no preparo emocional e diversas outras coisas que não são trabalhadas com crianças. Diz que como aluno de uma universidade, não vê utilidade nenhuma a partir da perspectiva de aprendizado, correndo atrás de tudo sozinho, estudando sozinho e não é por que ele quer e sim porque a universidade o obriga a fazer isso. Se não for assim, não terá crescimento pessoal, profissional. Fala sobre o modelo educacional estar muito obsoleto e sobre a necessidade de uma alteração radical.

Rebecca – participação remota

Questiona a Luana sobre ações já implementadas no MCTIC com parceria ou não do Ministério da Educação para implementar educação digital nas escolas públicas, como essas ações estão funcionando e quais as perspectivas de implementações e ampliações.

Não Identificado – participação remota

Parabéns pela sua fala, Geisa. É muito importante falarmos de quais jovens estamos falando e da realidade de inúmeros jovens brasileiros. Queria conhecer um pouco mais sobre as ações desenvolvidas por vocês no Coletivo. Vocês fazem formações de jovens? Pode contar um pouco mais?

Rebecca – participação remota

Primeiramente, gostaria de lhe parabenizar pela fala e por sua história. Gostaria de saber mais sobre essas ações de inclusão digital para jovens periféricos. Há alguma rede de apoio nacional para implementação dessas ações em estados/municípios que ainda não tem? Como podemos entrar em contato para articular essas ações?

Diogenes – participação local

Estudante de mestrado na USP, onde foi bolsista, hoje finalizando o mestrado e sente a necessidade de ter um pouco de conhecimento que só é adquirido na empresa, pois não adianta você sair da academia e basicamente não há trabalho para essas pessoas que passam 10 ou 15 anos, desestimulando assim outros jovens que poderiam estar entrando nas áreas de pesquisa. Foi falado também sobre questões de automação e que dentro da empresa onde trabalha, se fala bastante sobre isso, principalmente sobre os trabalhos chamados “fritar pastel” que são muito repetitivos, onde a empresa pensa em como otimizar e qualificar melhor os trabalhadores para poderem passar a uma nova função, por exemplo. Questiona sobre, será mesmo que a automação vai tirar empregos? Cita exemplos da aviação, citados do fórum de 2016, quando antes uma aeronave precisava de 6 pessoas na cabine, hoje precisam apenas 3, mas em contra partida quantos trabalhadores foram necessários para gerar esta automação, ou seja, é um ciclo e muitas vezes apenas é questão de mudar as peças de local. Sua pergunta, por fim, é, como trabalhar os jovens de hoje e amanhã de forma a capacitá-los, também mentalmente inclusive aprender a lidar com a pressão do mercado de trabalho e também como poder reter talentos nas áreas de pesquisas.

Não identificado – participação remota

Quais seriam as possíveis soluções pra resolver o problema de implementação da tecnologia no Brasil para a educação básica (sendo ela nas capitais e também em regiões que não tem acesso a internet como na Amazônia) tendo em vista que o investimento governamental nessa área está diminuindo a cada dia. Fora esta pergunta tenho outra, a internet pode ser uma solução pra muita coisa existente no mundo, como exemplo teve a automação de muitos cargos com ajuda de inteligência artificial e entre outras, so que vale lembrar que a internet, tecnologia e desenvolvida por seres humanos, então pode aparecer erros graves que podem gerar problemas inimagináveis (como um fato histórico em que quase houve uma por erro da mesma). Então como nós podemos nós prevenir disso (tendo em vista que em nosso país há uma grande demora na formação de profissionais) ?

Guilherme - participação local

Jornalista, estudante de mestrado em Tecnologia e Sociedade e também membro do Observatório da Juventude. Fala sobre a fala do Andriei e do movimento Ludista e sobre como nos anos 60 houve um posicionamento não contra as máquinas e a evolução mas sim contra a imposição vertical de uma transformação, o que vivenciamos de certa forma nos dias atuais. Traz isso para tocar no ponto de que hoje falamos muito de capacitação e criação de postos de trabalho, mas faz parte de uma geração de pessoas extremamente ansiosas e as questões com relação ao trabalho são muito importantes. Gostaria de ouvir da mesa, especialmente o Andriei sobre isso. Outro ponto também é a questão dos direitos trabalhistas que acabaram de passar por uma reforma que precarizou alguns direitos, principalmente de pessoas que tem menor qualificação formal, então, gostaria de entender qual o pensamento da mesa em relação a estes aspectos.

Elisson – participação local

É de Salvador, Bahia, presidente do Observatório da Juventude e traz a mesa não uma pergunta mas uma reflexão e gostaria da visão da mesa sobre isso. Tem a visão de que algumas profissões serão extintas e algumas passarão a ser relacionadas a tecnologia e ainda outras novas também relacionadas com Internet e tecnologia e por outro lado temos um gap enorme, quando temos pouco mais da metade da população brasileira conectada a internet, uma quantidade enorme da população com pouco poder aquisitivo para poder ter acesso a tecnologia básica, temos também crianças de classe alta que tem aulas de programação desde pequenas e crianças de periferia que o máximo de acesso que tem é o celular dos pais. Como fazer para equiparar as diversas realidades existentes no Brasil, onde não há acesso básico a tecnologia e informação? Como falar sobre futuro do trabalho pensando em todos estes vieses apresentados, levando em consideração esta geração que esta crescendo agora tendo acesso a estas tecnologias e que serão diretamente impactadas com tudo o que for mudar e vem mudando desde o inicio da Internet.

Antônio – participação local

Formado em Sistemas da Informação, graduando da UFG em Ciências Sociais e Políticas Públicas. Está fazendo um trabalho a respeito da tecnologia dentro das escolas públicas de Goiânia onde, de 54 escolas de Ensino Médio apenas uma está realmente conectada a Internet, o que também não significa que a escola esteja preparada tecnologicamente. De acordo com o BNCC aparentemente está tudo perfeito mas não está, levando em consideração estes números sendo de uma capital. Como resolver e dizer que 65% das crianças estarão capacitadas daqui a 15, 20 ou 30 anos, sendo que hoje já deveriam estar, como sair desta realidade? O emprego está se extinguindo e é necessário estes novos empregos, que dependem das novas capacitações que ainda não estão acontecendo. Como trazer isso para a realidade de uma cidade de crianças e adolescentes que estão no ensino público e não estão preparadas tecnologicamente. Como trabalhar estruturas melhores, sendo que apesar dos projetos existirem estes não acontecem na prática. Fala que apenas a formação de professores não é suficiente, é necessário estrutura física e tecnológica. É necessário o engajamento conjunto de tudo isso. Concorde com o Thiago, sobre a distopia, em uma descrença total em relação ao futuro das crianças, prevendo que em 20 ou 30 anos teremos pessoas totalmente alheias ao que o futuro espera.

1ª Rodada de respostas

Geisa

Agradece as participações e fala que suas aulas gratuitas são apenas para comunidades e faculdade privada nem a vê. O seu ponto principal é levar o pessoal da periferia aprender o que ela sabe, desde empreendedorismo, pois vem de lugar onde é necessário esconder o nome do local onde vive, pois as empresas observam se você é de algum lugar que seja muito violento, ninguém quer te contratar pois acham que a pessoa será um espião ou irá roubar a empresa. Ensina jovens a desenvolverem aplicativos, que hoje ganham dinheiro fazendo aplicativos, como de cartões de natal, mensagens prontas para utilizar no whatsapp. Dá aulas de programação para jovens de periferia, mulheres e qualquer pessoa que se identifique como mulher, também por precisar se ver mais nos espaços de tecnologia. Além disso, tem outras coisas das quais consegue falar com

jovens, principalmente por vir da área de comunicação, ensinando a utilizarem a internet para poderem se ver, se encontrar e se representar, se não TV eles não conseguem se ver, na Internet sim. Fala para os jovens que se tem alguém que faz um monte de besteira no youtube e ganha dinheiro com isso, não ter vergonha de fazer a mesma coisa só por que você é da periferia, que isso é ruim. Não existe a obrigação de só mostrar coisa inteligente. Ensina como usar a tecnologia para estar na internet e produzir conteúdo, coisa que ela incentiva muito que eles façam, ou seja, que não sejam só consumidores mas também produtores. Em áreas rurais e periféricas, participa de várias ações pelo mundo. Diz que é só procurar na internet o nome dela, que encontrarão vários movimentos das quais faz parte, também workshops disponíveis gratuitamente. Fala que o apoio que ela tem hoje para fazer estes movimentos é do seu bolso e algumas instituições internacionais, pois apesar de terem tentado já apoio do governo não foi possível, então estas entidades ajudam e apoiam com tudo, literalmente, pois tem gente que participa das ações que o pão e café da ação é a única refeição que a pessoa terá no dia, o apoio do transporte para que o jovem possa ir até o local onde vai ter o treinamento, falar com pais e inclusive pagar até R\$150,00 para que o jovem esteja estudando e não apenas perdendo sua infância, sem aprender.

Luana

Fala sobre a pergunta da Rebecca, como e como já havia comentado o decreto 9319 é deste ano e a estrutura de governança passou a funcionar efetivamente no segundo semestre deste ano, então é realmente muito nova e apesar disso, alguns subcomitês já começaram a rodar. Como estamos em final de legislatura, estamos em um processo de transição. Fala sobre o MEC ter suas próprias iniciativas, das quais ela não pode falar com tanta propriedade quanto eles falando sobre isso. A estratégia foi atualizada para andar em conjunto com a BCC. O que se espera é que o comitê continue no próximo ano para que as ações possam ser implementadas, para que possamos ter comitê específico de educação. Aproveita para responder algumas perguntas do André sobre pessimismo e otimismo e aponta que devemos ir para o realismo. Fala que há realmente a perspectiva de que muitos postos de trabalho serão extintos, há previsões que primeiro os menos qualificados ou trabalhos mais repetitivos serão extintos primeiro. Ao mesmo tempo, existe uma previsão de que 65% das crianças que estão entrando no primário agora irão trabalhar em profissões que ainda não existem, então, existem desafios e é muito difícil prever tudo que irá acontecer. Dá o exemplo da Inteligência Artificial, que ainda não se sabe quais empregos realmente se extinguirão e quais surgirão também. Fala sobre o caminho ser Políticas Públicas, interação de agentes diversos, para que possamos buscar soluções. Sobre a pergunta de como a Internet está mudando e afetando a vida dos jovens, diz que não falaria apenas Internet, mas digitalização como um todo, pois, a digitalização tem seus impactos que podem ser negativos, que não podem ser esquecidos, mas, ela gera também uma interação muito maior e uma flexibilização muito maior, a digitalização traz abertura para novos mundos e é uma ferramenta para o conhecimento amplo. Acha que a resposta é utilizar este mundo de digitalização para maior engajamento e maior conhecimento. Cita o exemplo do Observatório que é 2015 e compara com o tempo em que fazia faculdade que não tinha esta possibilidade, que no observatório é encontrada, de por exemplo, ter contato com outros jovens da América Latina, coisa que podemos aproveitar, inclusive para lidar com os desafios trazidos pela digitalização.

Thiago

Fala sobre o fim da fala da Luana e concorda que a formação de novas redes e configurações de novas articulações são fundamentais para as novas oportunidades de trabalho e também de geração de renda. Acha que neste aspecto, os jovens já estão privilegiados por já estarem conectados em redes, crescentes e alcance internacional. Fala que do ponto de vista das humanas, o tema é um pouco mais complicado, conforme o Andre levantou sobre a área jurídica, levando em consideração o fato de ser professor de Direito, faz das palavras do Yuri as suas, sobre não suportar a faculdade, sentimento que vem desde quando era aluno até agora, na situação de professor. Concorda que há um descompasso muito grande entre o que é lecionado e o que é absorvido, sendo fundamental repensar e reestruturar os currículos, em uma perspectiva interdisciplinar e investir em formação e pesquisa de base e investir e valorizar a carreira docente. Pede que não seja esquecido que professores também são trabalhadores, que vendem a sua força de trabalho para as universidades, onde os da rede pública são privilegiados pois são pagos pelo estado e não só para dar aula mas também para pensar, coisa que deve ser feita, e este pensamento deve gerar resultados para sociedade, em termos de pesquisas e publicações. Fala que os professores da rede pública não podem fugir desta responsabilidade. Já, os professores da rede particular, também estão precarizados, segundo ele, se pegarmos algumas universidades particulares e conversar com qualquer professor destas universidades privadas, verá situações como a sua que comparando o contrato de trabalho assinado em 2005, ser totalmente diferente do atual e que a realidade do número de demissões e contratações de novos profissionais, principalmente pelo fato de os novos contratos serem totalmente precarizados, não sendo a sua função principal de vida, ser professor. Fala que não se espera mais fazer carreira dentro destes locais, pensando neste locais como local de passagem. Cita a diferença entre “dar aula” e ser professor ou ter uma carreira docente. Diz que extremamente necessário entendermos esta diferença para analisarmos o resultado destas aulas, o que gera a bola de neve comentada pelo Yuri. Comenta que é necessário pensar em todas essas questões e voltando a questão da distopia, fala que é um momento de crise, lendo os jornais é de se ficar desesperado com as notícias, o que afirma o pessimismo com o futuro do trabalho, levando em consideração algumas propostas como ensino básico em formato EaD, isso é um absurdo sem precedentes e mesmo assim está sendo proposto. Fala que é preciso aprofundar esta discussão, tentar evitar este retrocesso e formar redes, como as que já existem, então é necessário fortalecer as redes existentes e aproveitar estas redes para ser possível gerar um impacto maior, inclusive na criação de novas oportunidades de geração de renda e também de trabalho. Lembra que o trabalho tradicional, está em uma crise que tende a se agravar, sendo necessário também ser criativo neste aspecto.

Andriei

Fala que o debate é importante e mais que pertinente, que gostou muito das questões levantadas. Fala sobre ser o ponto de partida para que possamos amadurecer, porém temos que ser rápidos. Comenta sobre a pergunta sobre como a Internet ou a Digitalização, como comentado pela Luana, estar modificando a natureza do trabalho e concorda que com certeza está, que é complicado pois a sociedade está em transição mas temos que sobre tudo quem é de uma geração anterior que foi preparado e estudou para o século XX, como é seu próprio caso. Cita sobre a consulta sobre o futuro do trabalho, no Ministério do Trabalho, e sobre o quanto isto é prioridade, porém se questiona sobre o conceito do trabalho estar mudando e que é necessário pensarmos nisso. Será que aquele conceito de trabalho, de segurança no trabalho, ter um trabalho assalariado, único, será que isso vai ter continuidade no futuro? Comenta artigo da CNBC

que saiu na semana do Fórum, que comentava que a geração dos nossos avós tinham um trabalho de uma vida inteira, e que ele próprio foi educado para seguir a mesma coisa e a partir de um ponto, já foi moldado para ter mais empregos, tentar manter sua força de trabalho em boa situação, então no próprio artigo é levantada a questão sobre esta geração estar sendo preparada para ter vários trabalhos ao mesmo tempo. Se questiona sobre ser preocupante, e cita uma reunião de uns anos atrás da qual participou no Ministério do Trabalho, que era sobre PCD, mas comentou sobre o conceito do trabalhador da Era do Conhecimento e escutou de um Fiscal do Trabalho sobre a diferença que existe entre o conceito e o mundo real, falou sobre a sua realidade ontem tem os trabalhadores da Era do Conhecimento que tem que ser tratados como tal, que é um trabalhador que tem liberdade e flexibilidade, mas tem também o trabalhador industrial, que precisa ser protegido de abusos na Indústria, ter qualidade no trabalho, e tem também trabalho escravo, o que faz ver como a realidade é totalmente diferente do que o conceito, principalmente em um país complexo como o Brasil. Acha que o mundo conceitual não pode nos levar a esquecer a realidade, que é termos uma situação muito desequilibrada durante esta migração e chama a atenção para a questão do otimismo versus o pessimismo e acha que temos que ser otimismo pois a situação está clara, então temos que trabalhar diferente. Fala que talvez seu otimismo venha por trabalhar em uma empresa de tecnologia que inclusive trabalha com outras empresas, ajudando-as nestas transformações e muitas vezes o reflexo disso é a abertura de novos trabalhos. Segundo levantamento feito por ele, sobre o que internamente estão tentando requalificar e ter este tipo de profissional, pensando na adaptação de currículo, a mudança é muito grande, mas devemos pensar que os treinamentos são para toda a vida, então é um ciclo contínuo de passar a vida melhorando e buscando novas habilidades. Vê que este mundo, tem uma possibilidade apesar de ser um desafio. Cita mais uma vez a importância da Estratégia Digital e a importância de pensar em um projeto de nação, coisa que hoje não temos. Reafirma que é muito importante que levemos a sério estas ações e que busquemos realmente que estas soluções ocorram. Devemos pensar onde queremos ir, onde queremos chegar e como faremos para isso acontecer.

2ª Rodada de Respostas e Encerramento

André

Solicita que os debatedores além das respostas já façam suas falas de encerramento, relembra as perguntas feitas pelo público. Destaca o tema do acesso e exclusão digital, onde a grande pergunta poderia ser resumida em “Como poderemos permitir que crianças participem de cursos online se elas se quer acessam a Internet, o que se aplica a mais da metade da população brasileira?”

Andriei

Agradece pelas reflexões, que desde o início trouxeram pontos muito importantes. Fala sobre o questionamento do Jorge que é sobre como absorver a academia, e diz que cada vez mais o tema do futuro do trabalho deve estar focado em cima do Ensino Médio, pois as profissões já estão ficando extremamente obsoletas, porém referente a academia todas as pesquisas dentro da mesma são muito importantes, então, cada vez mais no Brasil, necessitamos sair da pesquisa de base, que é a que mais ocorre no Brasil hoje, e ir para a pesquisa aplicada, não apenas ao mercado mas também aplicada ao ambiente

governamental, por exemplo. Comenta também sobre a questão da imposição vertical e do Ludismo, que foi uma mudança social que ocorreu e sem sombra de dúvidas o artesão perdeu a sua importância social apesar de não ter deixado de existir, neste contexto o direito do trabalho foi importantíssimo e continua sendo até hoje. É importante que ao olharmos ao trabalho escravo, erradicação do mesmo, proteção do trabalhador industrial, que a gente não mine o trabalhador da área do conhecimento. Acha que temos que pensar em novos direitos sim, inclusive para acompanhar o avanço da sociedade, e pensando em fazer uma transição o mais tranquila possível.

Geisa

Comenta não ser CLT desde no mínimo 2006, ou, desde que o MEI surgiu. Pensando nisso e no futuro do trabalho, fala sobre esta migração também de empresas que já estão transformando-se inteiras em não ter funcionários e sim várias contratações através de MEIs, diminuindo custos trabalhistas e deixar as pessoas terem mais tempo para fazerem o que quiserem, e aí, entra outra questão, a da enganação. Comenta que apesar de escolher que dias vai trabalhar, não trabalha 8 horas por dia, trabalha muito mais, que é a realidade e vários brasileiros. Comenta sobre as desigualdade, comparando grupos privilegiados onde há um grupo discutindo doença no trabalho, terapia, saúde e sobre carga de tarefas, demanda por qualificação ao grupo que não terá acesso a tudo isso, que talvez continuará tendo trabalhos de limpeza de banheiro e apertando parafusos. Fala sobre os Estados Unidos, onde existe o projeto A Hora do Código, que tenta que todo mundo, desde criança, aprenda a programar, pois para eles esta é a força tarefa do futuro. Então, você sai do trabalho de 8 horas diárias e vai para as pessoas das Startups, que trabalham 100 horas direto, sem folga, doentes e continuam lá para concluir um projeto e além destes temos o pessoal que não tem 3G, não tem Internet, que quando ouve falar de WIFI acha que é uma pessoa que irá chegar. Comenta sobre as várias realidades que vai mostrando, porém, se diz otimista porque na favela se come dificuldade no café da manhã, no almoço e no jantar, talvez nos próximos 4 anos a situação piore, porém não se pode desistir, é necessário sobreviver. A sua luta e das pessoas que estão com ela é para que eles não tenham mais que sobreviver mas que possam começar a viver.

Luana

Inicia chamando a atenção sobre o funcionário multi facetado, que foi bastante comentado, e estamos indo para uma era conceitual onde o médico é pintor, transforma o seu hobby em monetização, aluga o sofá, ou seja, tudo indica que o profissional do futuro é o profissional da criatividade, que aproveita todas as oportunidades e acredita que os jovens já sejam pessoas desenvolvendo estas habilidades. Cita algumas ações relacionadas a como preparar os jovens, que ouvir bastante sobre a questão das políticas públicas, incentivar as matérias do grupo de STEM, do pensamento computacional e também falou-se muito sobre questões de infraestrutura e a Estratégia Digital não poderia deixar de abranger este aspecto, temos um país muito grande e a tempos existem Política Públicas para ampliação de infraestrutura e acesso à banda larga, apesar de ainda não ter sido feito tudo, uma das ações a curto prazo da Estratégia é conectar 22 mil escolas. Questiona se isso é suficiente, porém estão neste processo e inclusive a questão da inovação não se dá somente pelo avanço tecnológico, se dá muito mais por uma questão de custo de oportunidade, aquele cálculo entre o quanto custa e a vantagem do que aquilo irá gerar, então é lógico que o avanço tecnológico não se dará de forma igual. Fala que as empresas de TI, por exemplo, estão muito mais próximas do avanço do que indústria de pastel no nordeste, por exemplo. É aí que entra o papel da Política Pública, especialmente na questão de digitalização, se vê que todas as Políticas Públicas sobre

Internet, inclusive o Marco Civil e Lei de Proteção de Dados tem dado exemplos da interação multistakeholder para a construção de leis e Políticas Públicas e a Estratégia se baseia muito nisso. Fala que é difícil prever os desafios que serão lidados, então esta integração multisetorial é muito importante para isso. Agradece muito o convite a conversa e ouvir relatos como do Yuri e da Geisa.

Thiago

Diz que usará seu minuto para fazer uma enquete: Quem está participando no local é da área jurídica? Vê que é a maioria e irá contar uma breve história. Conta que a poucas semanas encontrou um amigo que é sócio de um grande escritório, com mais de 150 advogados, sendo ele um dos fundadores do escritório. O escritório tem uma carteira de clientes bastante grande e tem como clientes bancos, empresas de telefonia e tal, tendo assim grandes litigantes e comentou com Thiago que não sabia o que fazer, pois inventaram um sistema, que é um escritório virtual, seu maior concorrente atualmente. Este software permite que bacharéis possam acessar o sistema, fazer as petições de casa ou qualquer outro lugar e ao subir no sistema ele já protocola no sistema do Tribunal, já da andamento e tal, só precisando da presença física do advogado na audiência, quando tem audiência, em relação as outras funções o sistema já faz tudo sozinho. O ponto principal é que o custo de tudo isso para o cliente é baixíssimo, fazendo com que o escritório não consiga concorrer. Levando em consideração a demanda de todo o serviço manual que o escritório faz, é realmente impossível que haja concorrência de valor. Com base nisso, respondendo a pergunta sobre como usar a tecnologia, Thiago responde com outro questionamento, queremos capacitar as pessoas para usar a ferramenta ou para desenvolvê-la? São duas perguntas diferentes pois, para usar é uma história para desenvolver outra totalmente diferente. A partir desta perspectiva, gostaria de chamar a atenção de todos sobre a mudança ser tão grande que o número de postos novos de trabalho que serão criados serão ínfimos em relação aos que serão extintos. Cita o exemplo da telefonia, se levarmos em consideração todas as grandes operadoras temos mais ou menos 100mil funcionários celetistas para atender 150 milhões de clientes e em outro lado o Whatsapp tem 300 funcionários no mundo e atende 1 bilhão e meio de clientes, sendo a maior operadora de voz e telefonia. Dito isso, gostaria de dizer para os juristas que estudem, estudem com dedicação e profundidade teoria da regulação pois uma das funções do estado é regulamentar as atividades econômicas e nós precisaremos de bons reguladores no futuro, que tenham a visão de preservar e estimular a inovação e que tenham também a visão de preservar o interesse público. Conseguir chegar a modelos regulatórios que enderecem estas questões emergentes e cada vez mais relevantes.

Andre

Agradece a presença de todos da mesa e dos que estão participando. Fala da importância do assunto e pede que a Luana e Geisa façam a escolha de um número cara para o sorteio do livro do Observatório da Juventude, sendo Miriam a primeira sorteada que não estava no local, Gabriel que não estava, Heloisa Massaro que recebeu o primeiro livro e último número sorteado Gabriela que ganhou o segundo livro. Agradece novamente a todos pelo apoio.